

MUNDO DO TRABALHO: DIFICULDADES E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS ENFERMEIROS RECÉM-ADMITIDOS EM UNIDADES HOSPITALARES

AUGUSTO JOSÉ DO NASCIMENTO MOREIRA¹; CÍNTIA CARLA GALVÃO
SAMPAIO¹; MARCELO LUIZ DA SILVA¹; LEILA CHEVITARESE²

¹Acadêmicos Seniores do 9º período do Curso de Enfermagem da Escola de Ciência da Saúde da Universidade do Grande Rio – Prof. José de Souza Herdy (UNIGRANRIO).

²Professora da Escola de Ciência da Saúde da UNIGRANRIO. Orientadora do trabalho. Membro do NDE do Curso de Enfermagem

RESUMO

Trata-se de um estudo descritivo sobre as dificuldades e os desafios enfrentados pelos enfermeiros quando foram admitidos nas unidades hospitalares, o qual foi realizado com alunos dos Cursos de Pós-Graduação em Enfermagem da UNIGRANRIO, a fim de realizar estudo comparativo entre os mesmos. Esse estudo objetiva elaborar condutas pertinentes para melhorar a adaptação dos enfermeiros recém-admitidos nessas unidades hospitalares que normalmente chegam inexperientes e necessitam de programa de educação continuada. Participarão deste estudo, enfermeiros recém admitidos com ou sem experiência, que responderão à um questionário com 06 perguntas abertas e 07 fechadas, contendo dados de identificação, experiência profissional e atribuições desenvolvidas ao ser admitido nas unidades hospitalares participantes desse estudo. Espera-se que com os achados do presente trabalho: possam ser elaborados protocolos que facilitem a inserção dos recém-contratados nas unidades, como protocolos e programa de treinamento para enfermeiros com a participação da equipe de enfermagem e com a ajuda por meio de orientação da enfermeira ou enfermeiro responsável pelo setor e que tais protocolos e programas passem a fazer parte dos centros de estudos e sejam utilizados nas futuras admissões de enfermeiros a fim de melhorar a oferta de cuidados e a ambientação do profissional que chega.

DESCRITORES: Atenção à Saúde; Formação de Recursos Humanos; Enfermagem

INTRODUÇÃO

No decorrer da graduação, a maior parte dos graduandos de enfermagem tem como foco se destacar, colocando em prática todo seu conhecimento teórico adquirido durante o período acadêmico. Porém ao ingressar na unidade hospitalar, iniciando seus cuidados diretos e indiretos em seus pacientes passam observar e vivenciar uma realidade totalmente diferente

no qual passa a ver as dificuldades a serem enfrentada para por em prática seus conhecimentos teóricos (ERZINGER; TRENTINI, 2003).

Após um determinado tempo de dedicação ao aprimoramento profissional, e visando a melhor forma de qualificar o enfermeiro no que se refere a melhorar seu desempenho na assistência à saúde como um todo, a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEnf) proporcionou uma discussão envolvendo Escolas, Instituições de Saúde, Entidades de Classes e outros, chegando a uma nova proposta curricular, oficializada em 1994 pela portaria nº 1721/94. Esse novo currículo tem como principal fundamento direcionar o enfermeiro para atuar de forma consciente. Sua atuação está dividida em quatro áreas, que tem seus conteúdos voltados para assistência, gerenciamento, ensino e pesquisa. Tendo como proposta o despertar do olhar crítico, através do qual gera a possibilidade de transformação, a consciência crítica que leva o enfermeiro através do seu conteúdo acadêmico adquirido, a ter compromisso com a saúde, se tornando um profissional capaz de atuar em todas as quatro áreas acima citadas (LIMA, 1994).

Especificamente nas diretrizes curriculares de graduação em Enfermagem se apresentam em destaque artigos que deverão ser acrescentados ao projeto político pedagógico do curso que visam contribuir para a excelência na qualidade do ensino pedagógico. Assim diretrizes curriculares aliadas ao projeto pedagógico deverão orientar o currículo da graduação em Enfermagem para o dimensionamento do perfil acadêmico e profissional do egresso. Este perfil deverá nortear a organização do curso de graduação em Enfermagem na qual deverá ser instituído pelo respectivo colegiado do curso, a forma da modalidade em que o mesmo deverá ser ofertado: seriada anual, seriada semestral, sistema de créditos ou modular. Para conclusão desses módulos, o acadêmico deverá, ao final do seu curso realizar um trabalho sob orientação docente em que possa revelar o seu olhar crítico e reflexivo. Nesse estudo o Enfermeiro, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva se torna um Profissional qualificado para o exercício de Enfermagem, tendo por base o conhecimento científico, intelectual e seguro nos princípios éticos. Capaz de intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença tomando por base os perfis epidemiológicos nacionais, focando na sua região de atuação, identificando as dimensões biopsicossociais dos determinantes de saúde. Diante do exposto o enfermeiro deverá estar capacitado para atuar na assistência, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, promovendo junto a comunidade um nível de saúde integral a que todo ser humano merecer ter. De acordo com a Graduação em Enfermagem a mesma deverá utilizar metodologias e critérios para avaliação do processo

ensino-aprendizagem do próprio curso, em consonância com o sistema de avaliação definido pela IES à qual pertence (FERNANDES, 2005).

Os futuros profissionais enfermeiros deverão aprender a fazer, viver junto, conhecer e garantir a sua capacitação com ênfase na autonomia e discernimento a fim de possibilitar a integralidade da qualidade do atendimento focando na humanização dos cuidados prestados às comunidades, aos familiares e aos indivíduos. A metodologia de ensino se dará tomando por base as necessidades sócio, político, e econômico da população a fim de gerar novos perfis acadêmicos por meio de uma nova metodologia de ensino (BRASIL, 1996).

Tendo em vista o que foi esclarecido acima fica obvio que o enfermeiro ao sair da graduação tem por competência assumir com responsabilidade e compromisso sua função a ser desempenhada junto à sociedade.

As diretrizes, também, enfatizam a formação do enfermeiro, atento para perspectiva da integralidade do cuidado, sinalizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), tornando o enfermeiro com habilidade para reconhecer a saúde como direito de todos e que as condições dignas de vida devem permear sua forma de atuação, a fim de garantir a assistência integral como sinônimo de conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema de saúde. Outra habilidade importante é ser capaz de atuar nos programas de assistência à saúde da criança, do adolescente, da mulher, do adulto e do idoso (CNE/CES, 2001).

Para Santos (2006), a formação do enfermeiro deverá garantir passagens por diferentes cenários de prática contextualizados em que haja o envolvimento dos acadêmicos e seus professores a fim de que a educação possa trilhar discussões grupais, treinamentos, grupos de estudos e trabalho, realização de trabalhos de extensão, atividades investigativas, e investimentos em pós-graduação o que irá gerar crescimento coletivo.

Como forma de legitimar o crescimento coletivo contextualizado, se apresenta o estágio supervisionado, que surge como estratégia na formação profissional do enfermeiro e também como forma de fazer a integração ensino serviço (ALMEIDA; FERRAZ, 2008). A contribuição da passagem do estudante de enfermagem pelo Estágio Supervisionado recai sobre o fato de o professor responsável delegar a condução do estudante ao enfermeiro do serviço (preceptor), o que permite que o enfermeiro colabore na posição de participante do processo de formação e aproxima os serviços de saúde (hospitais gerais e especializados, ambulatorios, rede básica de serviços de saúde e comunidades) e as Instituições de Ensino em

Saúde, tornado a oferta de ensino mais próxima da realidade futura que o acadêmico irá encontrar (SILVA, 2011). As atividades teóricas e práticas dos Estágios Supervisionados deverão acontecer em pelo menos dois semestres letivos, de forma programada, acompanhada e avaliada pela IES e pelos enfermeiros dos serviços de saúde, considerados os responsáveis pelos estágios (CARVALHO; FAGUNDES, 2008).

Tendo em vista que a formação do enfermeiro deve ocorrer de forma contextualizada (LIMA, 1994; CARVALHO; FAGUNDES, 2008; ALMEIDA; FERRAZ, 2008), percebe-se que o ensino de enfermagem de nível superior não prepara de uma forma completa o enfermeiro para exercer suas atividades praticas em unidades hospitalares, pelo fato de que a assistência direta com o paciente não esta presente constantemente entre a teoria e a prática acadêmica (LIMA, 1994).

Mediante a importância do tema abordado, temos como objetivo conhecer e desvendar os principais desafios e dificuldades enfrentados pelos enfermeiros recém-formados e com experiência profissional, em sua admissão a uma nova unidade hospitalar no qual os mesmos passam por alguns processos levando o enfermeiro a se deparar com momentos de incerteza, medo, falta de liderança e dificuldades de adaptações aos protocolos das instituições tanto pública como privada em seu processo seletivo e mais adiante no seu processo de ambientação..

OBJETIVO

O presente trabalho tem por objetivo conhecer as principais dificuldades enfrentadas tanto pelos enfermeiros recém-formados quanto os com experiência, em seu vínculo profissional nos seis primeiros meses de admissão, em instituição tanto pública quanto privada.

METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado por acadêmicos do 9º período do curso de Enfermagem da Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy (UNIGRANRIO), orientados por um professor. O trabalho foi realizado com profissionais enfermeiros que atuam em hospitais públicos e privados situados no Município do Rio de Janeiro, estudantes nos diferentes Cursos de Especialização em Enfermagem da UNIGRANRIO.

O Estudo fez uma abordagem qualitativa de caráter exploratório no qual será realizada uma pesquisa onde se buscarão junto aos enfermeiros, sendo os mesmos com ou sem experiência, respostas que deixem transparecer a relação do binômio da qualificação do profissional e da adaptação do mesmo no âmbito hospitalar público ou privado de seus referidos protocolos assistências, durante os seus seis primeiros meses de contratação. O estudo de abordagem

qualitativa de caráter exploratório tem característica pesquisa de opinião, que procura saber atitudes e pontos de vista dos entrevistados (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995). Para a coleta de respostas foi feito um questionário elaborado com 06 perguntas abertas e 07 fechadas. Só participaram os Enfermeiros, que após terem lido o termo de consentimento livre e esclarecido, entenderam e concordaram com o trabalho, assinando o mesmo. Só se iniciou o trabalho após a sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIGRANRIO, respeitando a Resolução 466/2012 (CAE nº 47890915.5.0000.5283).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo foi realizado com enfermeiros dos Cursos de Especialização da UNIGRANRIO de Enfermagem em Clientes de Alta Complexidade com Ênfase em CTI; Enfermagem em Urgência e Emergência; Enfermagem Oncológica e Enfermagem em Saúde da Família, com 25 alunos cada curso, totalizando 100 TCLE e anexado questionário com 13 perguntas mistas, no qual só aceitaram participar 34% (34 enfermeiros) no total (Figura 1).

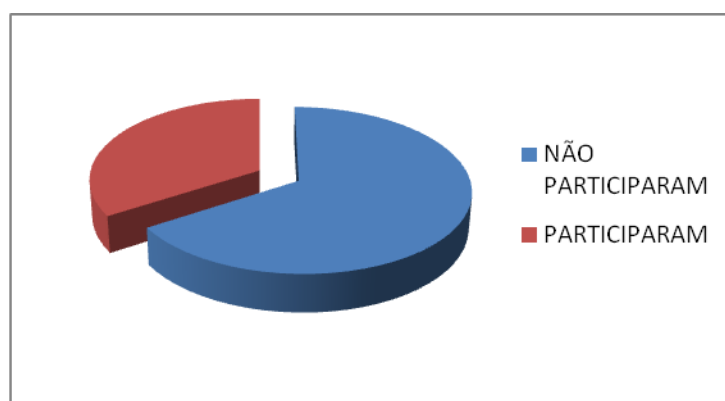


Figura 1: Total de Indivíduos do Estudo Mundo do Trabalho: dificuldades e desafios enfrentados pelos enfermeiros recém-admitidos em unidades hospitalares. 2015

Os resultados serão apresentados na ordem das perguntas presentes no questionário.

Quando indagados sobre o tempo de formados, 52,94% (18) tinham acima de 5 anos de formados 23,53% (08) 2 a 5 anos 23,53% (08) até 1 ano (Figura 2).

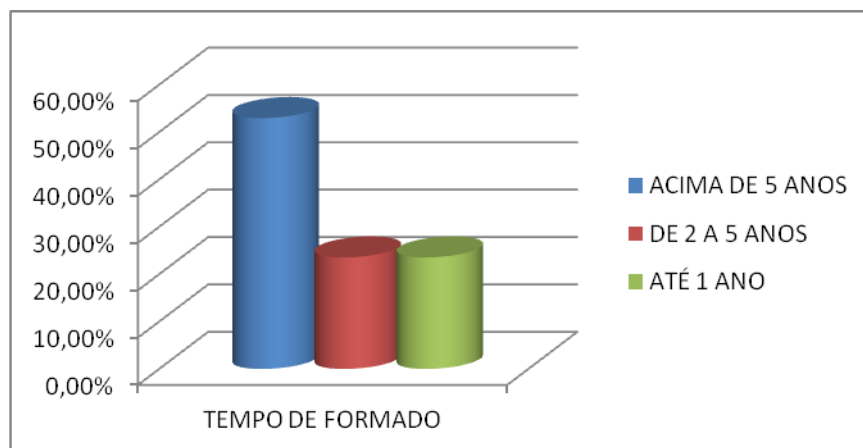


Figura 2: Tempo de Formado dos participantes do Estudo Mundo do Trabalho: dificuldades e desafios enfrentados pelos enfermeiros recém-admitidos em unidades hospitalares. 2015.

Segundo pesquisa de campo realizada por Silva; Ferreira (2011), o mesmo teve seu resultado baseando se em percentual próximo ao realizado em nossa pesquisa no qual qualificou os enfermeiros com experiência no que diz acima de 5 anos o maior percentual, sendo assim caracterizando a experiência profissional como o fator relevante em nossa pesquisa.

Os entrevistados foram questionados quanto a instituição que trabalham, se pública ou privada: 38,23% (13) trabalham na rede pública, 29,41% (10) trabalham na rede privada, 26,48% (09) não responderam 5,88% (02) trabalham em público e privado (Figura 3).

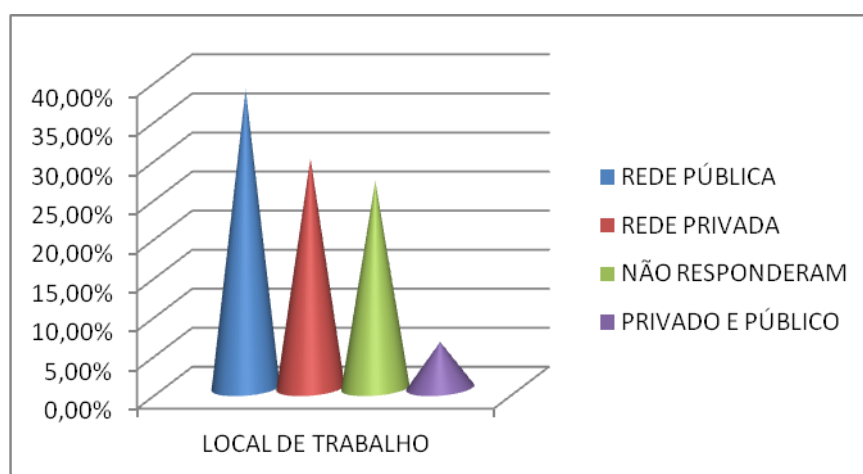


Figura 3: Local de trabalho dos participantes do Estudo Mundo do Trabalho: Dificuldades e Desafios Enfrentados pelos Enfermeiros Recém-admitidos em Unidades Hospitalares. 2015

Tivemos dificuldades em encontrar um artigo relacionado a percentual de enfermeiros que trabalham em rede pública ou privada, portanto, a pesquisa de Anselmí, et al (2001) mostra

que a procura dos enfermeiros pela rede pública é maior, pois referem a remuneração com gratificações serem mais atrativas, e a carga horária é mais flexível que a rede privada, levando assim o enfermeiro a procurar estabilidade financeira e empregatícia

Tempo de admissão na unidade: 61,77% (21) tem acima de 6 meses de admissão, 17,64% (06) tem até 3 meses, 11,77% (04) tem entre 3 e 6 meses e 8,82% (03) não responderam (Figura 04).

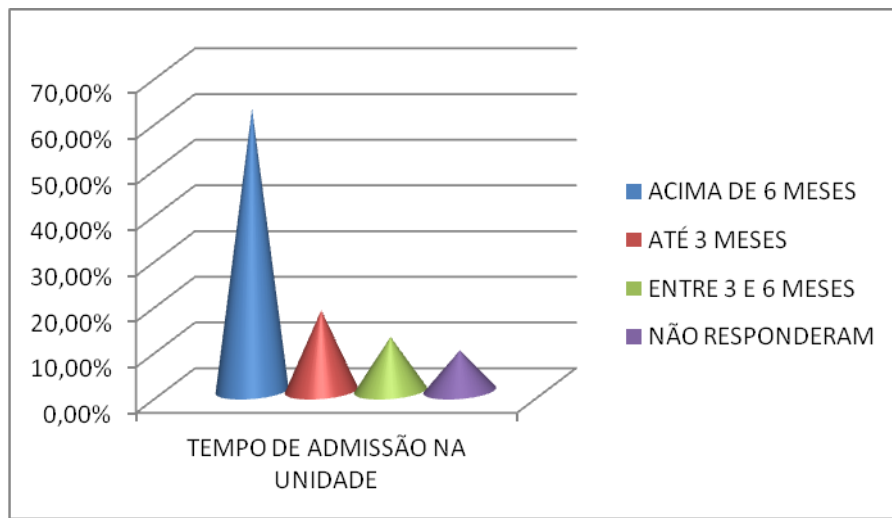


Figura 04: Tempo de Admissão na Unidade do Estudo Mundo do Trabalho: Dificuldades e Desafios Enfrentados pelos Enfermeiros Recém-admitidos em Unidades Hospitalares. 2015

Vários foram os motivos pela escolha por enfermagem, a seguir as escolhas mais citadas: 58,82% (20) escolheram a profissão por vocação, 17,64% (06) por outras razões, 8,82% (03) por influência familiar, 8,82% (03) campo de trabalho, 2,95% (01) por questões financeiras e 2,95% (01) não responderam (Figura 05).

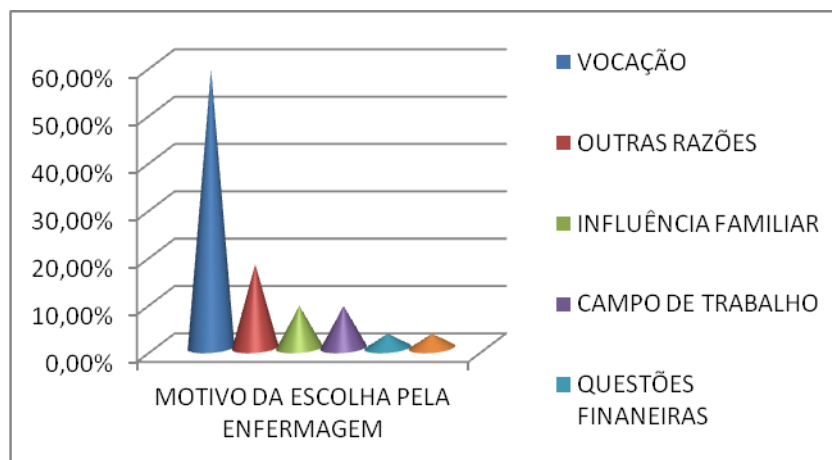


Figura 05: Motivo da Escolha pela Enfermagem do Estudo Mundo do Trabalho: Dificuldades e Desafios Enfrentados pelos Enfermeiros Recém-admitidos em Unidades Hospitalares. 2015

Segundo a pesquisa de campo realizada por Batista et al. (2005), que teve por objetivo destacar a satisfação do profissional em seu local de trabalho (como sinônimo de vocação) observa-se que o percentual referente a vocação (X%) e o de gostar do que se faz (Y%), é semelhante ao do presente estudo, demonstrando o mesmo significado, sendo que o maior percentual recaiu sobre o fato de ser um ponto de satisfação para exercer a profissão.

Quando indagados, se na opinião deles, o período de graduando foi produtivo: 67,65% (23) acharam que foi produtivo o período de graduando e 32,35% (11) acharam que não foi produtivo (Figura 06).

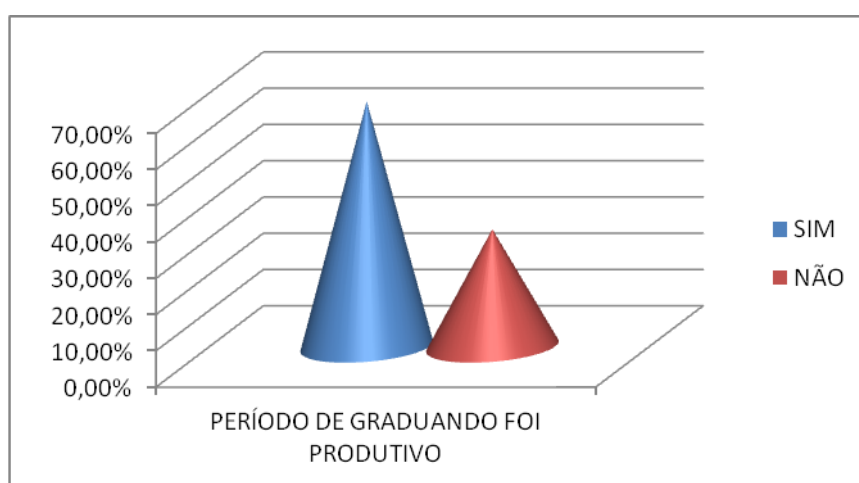


Figura 06: Período de Graduando foi Produtivo do Estudo Mundo do Trabalho: Dificuldades e Desafios Enfrentados pelos Enfermeiros Recém-admitidos em Unidades Hospitalares. 2015.

O presente estudo mostra que o maior percentual dos entrevistados, relata que a qualificação acadêmica foi produtiva para sua inserção no mundo do trabalho, assim como mostra na pesquisa de Mattosinho et. al. (2010) que independente das situações difíceis e adversas, conseguem enfrentar e realizar as atividades da melhor forma possível e com bom senso.

A figura 07 mostra as maiores dificuldades que os enfermeiros encontraram no ambiente hospitalar após admissão: 55,90% (19) encontraram dificuldades por pouca experiência, 14,70% (05) outros motivos, 11,76% (04) protocolos, 8,82% (03) dificuldade de liderar a equipe e 8,82% (03) não responderam (Figura 07).

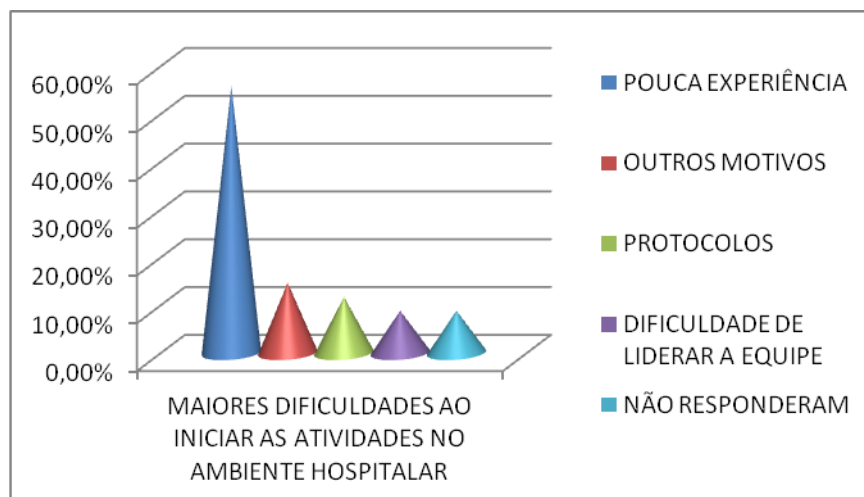


Figura 07: Maiores Dificuldades ao Iniciar as Atividades no Ambiente Hospitalar do Estudo Mundo do Trabalho: Dificuldades e Desafios Enfrentados pelos Enfermeiros Recém-admitidos em Unidades Hospitalares. 2015

A pesquisa de Souza; Paiano (2011) mostra que a maioria dos entrevistados teve dificuldade por pouca experiência em liderar a equipe, o que não vai de acordo com o presente estudo que refere a pouca experiência profissional ser o maior percentual por parte dos entrevistados, e com a nossa vivência, percebemos que os enfermeiros encontram dificuldades em se adaptar a rotina e protocolos de cada instituição.

Indagados sobre experiência prévia na área de Enfermagem, os Enfermeiros que já tinham experiência prévia alcançaram um percentual de 50% (17) como técnico de Enfermagem e 50% (17) não apresentavam experiência anterior (Figura 08).

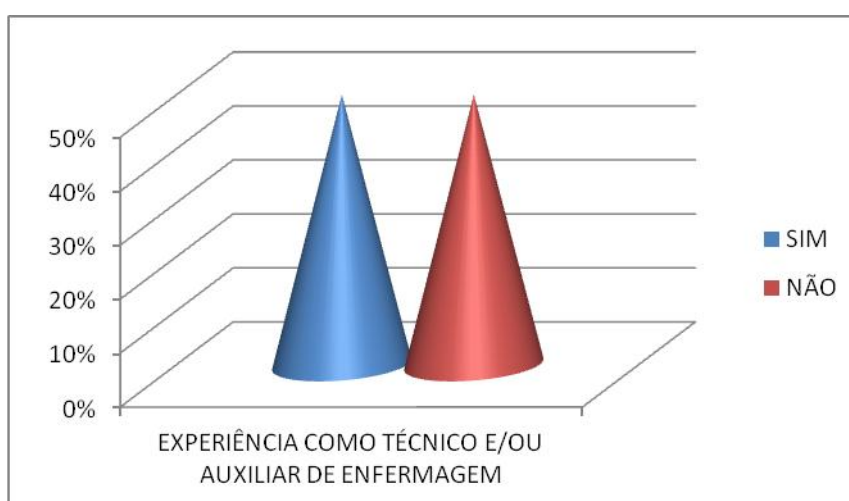


Figura 08: Enfermeiros que já possuíam Experiência como Técnico e/ou Auxiliar de Enfermagem do Estudo Mundo do Trabalho: Dificuldades e Desafios Enfrentados pelos Enfermeiros Recém-admitidos em Unidades Hospitalares. 2015

Segundo Medina; Takahashi (2003), sua pesquisa tem como um dos resultados a experiência previa na enfermagem como elemento facilitador da aprendizagem, tanto na parte teórica como prática, sabendo que pelo resultado do nosso estudo ter sido 50% para ambos, ao discutirmos e compararmos os dois estudos, chegamos a conclusão que ter experiência previa como técnico e/ou auxiliar de enfermagem, facilita ao iniciar e exercer a profissão, por já terem vividos situações e assistidos diversos procedimentos.

Ao assumir uma escala de trabalho, alguns enfermeiros relatam como foi sua interação com a equipe: 61,76% (21) tiveram boa interação com a equipe de enfermagem ao assumir o plantão, 29,41% (10) ótima interação, 5,88% (02) interação ruim e 2,95% (01) não responderam (Figura 09).

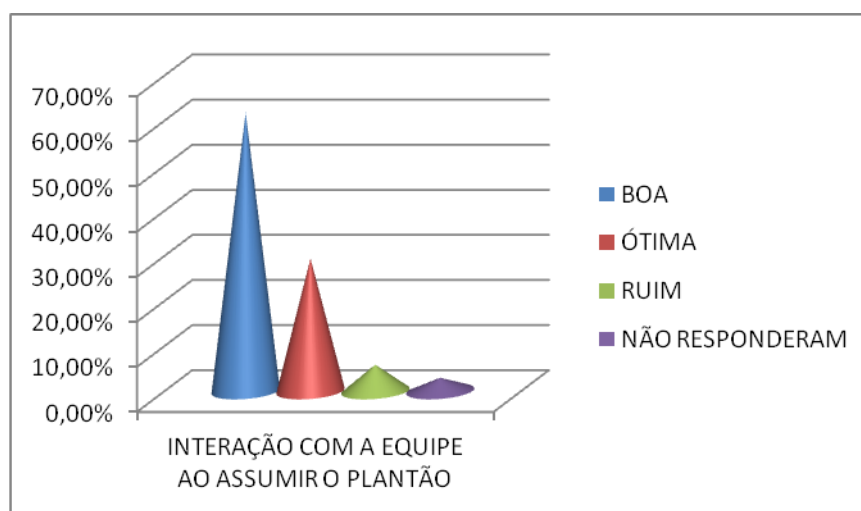


Figura 09: Interação com a Equipe ao Assumir o Plantão do Estudo Mundo do Trabalho: Dificuldades e Desafios Enfrentados pelos Enfermeiros Recém-admitidos em Unidades Hospitalares. 2015

A maioria dos entrevistados relatou ter bom relacionamento com a equipe após um determinado tempo, como seguem os dados da figura 10: 47,05% (16) tiveram um ótimo relacionamento com a equipe após um determinado tempo, 44,12% (15) bom relacionamento, 5,88% (02) relacionamento ruim e 2,95% (01) não responderam (Figura 10).

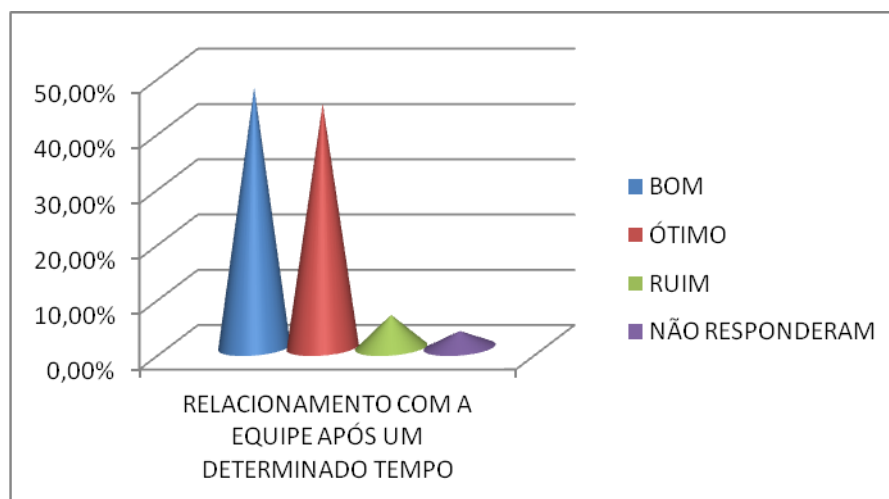


Figura 10: Relacionamento com a Equipe Após um Determinado Tempo do Estudo Mundo do Trabalho: Dificuldades e Desafios Enfrentados pelos Enfermeiros Recém-admitidos em Unidades Hospitalares. 2015

Navarro, Guimarães, Garanhani (2013) mostraram em uma pesquisa pontos positivos e negativos encontrados na interação em equipe, que fala que as diferenças individuais, como temperamento, caráter e personalidade, podem ser consideradas possíveis entraves para o relacionamento interpessoal e, conseqüentemente, poderão interferir na forma de desenvolvimento do trabalho em equipe, portanto, tal pesquisa contradiz com o estudo que mostra em gráfico um maior percentual DE bom relacionamento em equipe dos entrevistados. Ao serem perguntados sobre o fato de a instituição oferecer preparação prévia para a realização das atividades no ambiente hospitalar, 64,70% (22) dos entrevistados responderam afirmativamente que o centro de estudos da sua instituição ofereceu e 35,29% (12) não ofereceu (Figura 11).

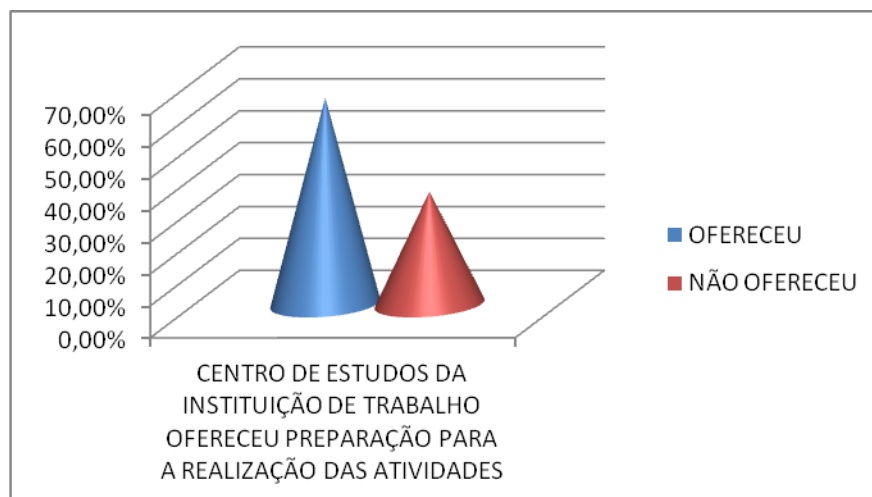


Figura 11: Centro de Estudos da Instituição de Trabalho Ofereceu Preparação para a Realização das Atividades do Estudo Mundo do Trabalho: Dificuldades e Desafios Enfrentados pelos Enfermeiros Recém-admitidos em Unidades Hospitalares. 2015

Nosso estudo mostra a importância de um programa de treinamento para enfermeiros recém admitidos, denominada educação continuada, pois assim o enfermeiro consegue receber as instruções necessárias para realizar suas atividades nos setores específicos, desta forma é repassado os protocolos, condutas e o perfil de profissional que a instituição visa como integrante de uma equipe de excelência, para que a mesma tenha uma assistência de ponta e com qualidade.

Foi questionado aos entrevistados se alguma vez pensaram em desistir da profissão após se depararem com as dificuldades encontradas: 44,12% (15) pensaram em desistir; 38,23% não pensaram em desistir e 17,65% (06) não responderam (Figura 12).

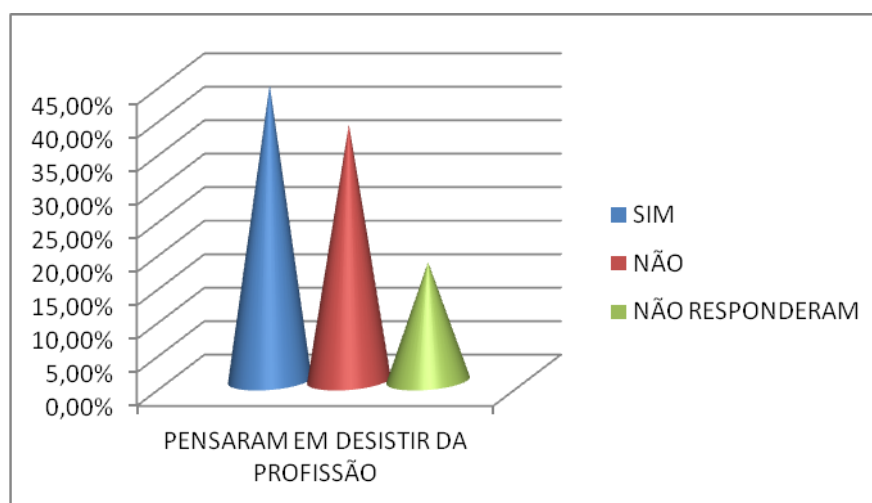


Figura 12: Pensaram em Desistir da Profissão do Estudo Mundo do Trabalho: Dificuldades e Desafios Enfrentados pelos Enfermeiros Recém-admitidos em Unidades Hospitalares. 2015

Segundo pesquisa do Oliveira (2014) que faz associação entre o pensamento frequente de abandono e a satisfação profissional, 59% dos participantes da pesquisa se mostram insatisfeitos e pensam frequentemente em desistir da profissão. Esta pesquisa mostra resultado semelhante ao estudo, e acrescentando, em nossa experiência de vivência, percebemos que muitos pensam em desistir por se ver obrigado a ter mais de um vínculo empregatício pois referem salário incompatível com a carga horária e atribuições.

Podemos perceber com os relatos dos entrevistados que a graduação foi satisfatória quanto a teoria para enfrentamento de suas atividades profissionais, tendo em vista que, a falta de habilidade prática direcionada à assistência foi um ponto negativo, fazendo com que grande parte pensasse em desistir por medo do desconhecido ou falta de vivência, causar dano ao cliente/paciente, falta de reconhecimento profissional, demanda de trabalho, falta de autonomia. Alguns exemplos de relatos dos entrevistados (E).

E1: *Por dificuldades de enfrentar o “desconhecido”, por não ter nenhuma vivência dentro de um hospital.*

E2: *Por não me achar competente o suficiente, e ficar com medo de gerar dano ao cliente.*

E3: *A parte teórica foi muito boa, mas hoje ao atuar vejo que a prática deixou muito a desejar.*

E4: *Falta de autonomia.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os achados nesta pesquisa, conclui-se que os enfermeiros entrevistados ao ingressarem em uma instituição, defrontam-se com momentos e situações em que os levam a perceber que não basta apenas o conhecimento teórico pra desenvolver suas atividades profissionais, pois as adversidades encontradas descritas até por depoimentos, os fazem sentir que necessitam de algo mais como treinamentos, orientações e avaliações, sendo assim, frisada a prática de vivência, que em muitas das vezes é de vital importância pra prestar assistência de qualidade e se tornar um profissional diferenciado. Foi percebido que a falta de qualificação, o despreparo e medo, foram um dos itens que mais favoreceram para que surgissem as barreiras de adaptações, pois o enfermeiro recém formado se acha despreparado tecnicamente para dar assistência direta ao paciente pelo pouco tempo de estágio supervisionado na universidade, e os profissionais com experiência encontram outros tipos de dificuldades que são os protocolos e a falta de acolhimento. Todo esse contexto leva os dois tipos de profissionais a terem barreiras em seu novo vínculo empregatício.

RECOMENDAÇÕES

Com todos os dados e resultados finais da pesquisa, podemos pensar em algumas alternativas para melhorar a satisfação profissional, interação em equipe, segurança na realização das atividades. Segue abaixo, tópicos relevantes para concluir e melhorar e reduzir o tempo da atuação da educação continuada no preparo do profissional para atuar com autonomia e segurança;

- Treinamento inerente aos protocolos e atividades realizadas na unidade (ex.: unidade coronariana, cursos sobre ECG, drenos, etc.);
- Incentivos a profissionais que buscarem aprimoramento (ex.: participação nos lucros, folga prêmio, entre outros);
- Nomear e preparar monitores de treinamento determinando um quantitativo de funcionários a serem treinados por ele;
- Realizar avaliações diárias com intuito de avaliar o conteúdo adquirido na realização das atividades do ingressante diretamente na unidade de trabalho;
- Construir a idéia de “pupilos” dos treinados pelos monitores;
- Dividir as tarefas entre enfermeiros da educação-continuada junto com os monitores do setor, enfermeiros das unidades e chefias, delegar a decisão de aprovação do recém-admitido ao monitor pois é o que tem maior contato para avaliar a parte técnica do profissional;
- Utilizar um roteiro para auxiliar nas atividades dando direcionamento das ações. Sendo assim o programa será composto de três fases para sua aplicação, sendo, a primeira com os enfermeiros da educação continuada, a segunda com o monitor de treinamento e a terceira com o enfermeiro encarregado da unidade de internação. Essa tríade por fim qualificará o enfermeiro como um todo aptos a atuarem em todos os setores da instituição pois a metodologia estará impregnada juntamente com os protocolos existente nos locais citados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. P. V. G.; FERRAZ, C. A. Políticas de formação de recursos humanos em saúde e Enfermagem. **Rev Bras Enferm**, v.61, n. 1, p. 31-5, 2008.

ANSELMÍ, M.L. et al. Sobrevivência no emprego dos trabalhadores de enfermagem em uma instituição hospitalar publica. *Rev latino-am Enfermagem* 2001 julho; 9(4).

Batista, A.A.V.; Vieira, M.J.; Cardoso, N.C.S. & Carvalho, G.R.P. (2005). Fatores de motivação e insatisfação no trabalho do enfermeiro. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 39 (1), 85-91.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional, nº 9394. Dispõe sobre a nova Lei nº 9394/96. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez.1996.

CARVALHO, E. S. S.; FAGUNDES, N. C. A inserção da preceptoria no curso de graduação em enfermagem. **Rev Rene**, v.9, n.2, p.98-105, 2008.

Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES N. 3, de 07 de novembro de 2001. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em enfermagem. Diário Oficial da República Federativa da União. Brasília, 09 nov. 2001. Seção 1, p. 37.

ERZINGER AR, Trentini M. Enfermeiras e enfermeiros frente aos desafios no início da carreira profissional. *Revista Recenf.* 2003;1(5):9-13.

FERNANDES, J. D. *et al.* Diretrizes curriculares e estratégias para implantação de uma nova proposta pedagógica. **Rev Esc Enferm USP**, v. 39, n. 4. p. 443-449, 2005.

LIMA MADS. Ensino de enfermagem: retrospectiva, situação atual e perspectiva. *Rev Bras Enferm.* 1994;47(3):270-7.

MATTOSINHO M M S et al. Mundo do trabalho: alguns aspectos vivenciados pelos profissionais recém- formados em enfermagem. *Acta Paul Enferm* 2010;23(4):466-71.

MEDINA NVJ; TAKAHASHI RT. A busca da graduação em enfermagem como opção dos técnicos e auxiliares de enfermagem. *Rev Esc Enferm USP* 2003; 37(4):101-8.

NAVARRO, ASS; GUIMARÃES, RLS; GARANHANI, ML. Teamwork and its meaning to professionals working in the family health strategy program. *REME - Rev Min Enferm.* 2013 jan/mar; 17(1): 69-75

NISHIYAMA; k; BECCARIA;L.M; ITTAVO; J; Enfermeiros recém admitidos em UTI: A importância de programas de educação que possibilitem a sua inserção.(2002).

OLIVEIRA DR. A intenção de abandonar a profissão entre enfermeiros de grandes hospitais públicos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro; s.n; 2014. 106 p.

PIOVESAN, A; TEMPORINI E R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Rev. Saúde Pública* 29 (4), 318-25, 1995.

SANTOS, S. S. C. Perfil de egresso de Curso de Enfermagem nas Diretrizes Curriculares Nacionais: uma aproximação. **Rev Bras Enferm.**, v. 59, n. 2, p. 217-221, 2006.

SILVA CC et al. O ensino da Sistematização da Assistência na perspectiva de professores e alunos. *Rev. Eletr. Enf. [Internet].* 2011 abr/jun;13(2):174-81.

SILVA, RC; FERREIRA, MA. Características dos enfermeiros de uma unidade tecnológica: implicações para o cuidado de enfermagem. Rev Bras Enferm, Brasília 2011 jan-fev; 64(1): 98-105. Rev Bras Enferm, Brasília 2011 jan-fev; 64(1): 98-105.

SOUZA FA; PAIANO M. Desafios e dificuldades enfrentadas pelos profissionais de enfermagem em início de carreira. Rev Min Enferm.; 15(2):267-273, Jan/Mar, 2011.